

O LEGADO VISIGODO: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA GÓTICA NO PERÍODO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gabriella Veras Rodrigues Guimarães (UERJ)
[vrquimaraes.gabriella@gmail.com](mailto:vrguimaraes.gabriella@gmail.com)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir as contribuições linguísticas do superstrato gótico na língua portuguesa, no período da formação dos dialetos ibero-românicos na península Ibérica durante as ocupações germânicas do século V. Os antropônimos, bem como o cotidiano dos soldados e das classes menos abastadas, mostram-se espaços prolíficos de palavras supostamente de origem visigoda, além de alguns morfemas. Essa suposição é natural devido ao contato dos povos germânicos com os romanos muito antes da vinda dos primeiros à Península. Portanto, é uma tarefa difícil precisar a origem exata dos vocábulos, com a possibilidade de terem chegado via latim, por outras línguas germânicas, ou pela Gália. Além disso, a presença sueva no noroeste da península não deve ser ignorada na formação do galego-português, impondo mais questionamentos sobre a procedência dos vestígios deixados pelos germânicos. Em virtude das inúmeras imprecisões acerca da etimologia dos fatos linguísticos em questão, este trabalho tem como foco mapear alguns dos superstratos de origem supostamente visigoda. Haverá especial consideração à língua materna dos germânicos, cuja ocupação peninsular durou dois séculos, o gótico.

Palavras-chave:

Visigodos. Língua gótica. Superstratos germânicos.

1. Introdução

As migrações germânicas na Península Ibérica, que atingiram o seu estopim durante o século V, deixaram um vasto legado não somente cultural, como linguístico. Segundo Rucquoi (1995, p.21): “São cada vez mais numerosos os historiadores que dão como início da história medieval da Península Ibérica a data de 409, na altura das primeiras invasões bárbaras, ou seja, dos Alanos, dos Vândalos e dos Suevos”. O termo “bárbaro” merece um breve esclarecimento, uma vez que pode referir-se a todo povo, na visão dos romanos, que mora além de suas fronteiras. Em grego, o termo designava aquele que possuía uma língua incompreensível, hábitos e costumes estranhos aos helenos e não compartilhava da mesma civilização (GUERRAS, 1987). Esse termo também deixa implícita a oposição “civilizado” e “bárbaro”, nova acepção surgida na época do Renascimento para designar aqueles que, na visão dos intelectuais da época, acabaram com o

Império Romano e, portanto, dotados de um nível cultural inferior, grosseiro e longe dos ideais “civilizados”. Por isso, neste trabalho, evitaremos o uso da palavra “bárbaro” para não insinuar que haja algum juízo de valor sobre as diferentes culturas, compartilhando da mesma decisão de historiadores modernos. Não podemos deixar de salientar, contudo, que os povos germânicos, quando mencionados em manuais mais antigos de filologia e história, eram muitas vezes referidos como “povos bárbaros”.

É natural que a formação de algumas línguas românicas tenha passado por uma fase de bilinguismo, uma vez que a invasão e a ocupação da grande România Medieval¹⁴¹ pelos povos germânicos e eslavos foram intensas, ocasionando a fragmentação do Império e também do latim vulgar. Essa fase de bilinguismo não dura tanto, já que a língua de maior prestígio social tende a se sobrepor naturalmente sobre a outra. Pode ocorrer, contudo, de a língua do povo vencido deixar marcas na do vencedor, o *substrato*; e a língua do povo dominador deixar marcas na língua do dominado, o *superstrato*. No que tange às línguas ibero-românicas, como o português, galego, espanhol e catalão, destaca-se a presença germânica no último caso, o superstrato, advinda da ocupação considerável dos suevos no noroeste da Península, especialmente na Galícia, no século V, e dos visigodos, no restante da Ibéria. Outros casos podem ser observados no franco, na Gália, e no caso lombardo, na Itália.

Os superstratos germânicos no período de formação da língua portuguesa encontram voz em numerosos empréstimos lexicais e alguns morfológicos (BASSETTO, 2013; MATTOS E SILVA, 2008), especialmente na toponímia e antroponímia (PIEL, 1942). Porém, investigá-los torna-se uma tarefa difícil sem considerar o período da união galego-portuguesa, como nos resquícios deixados na língua galega e também nos resquícios na língua castelhana. Há de se lembrar que as línguas ibero-românicas modernas eram dialetos de um romance que compartilhava do mesmo território e se influenciavam mutuamente através do comércio, intercâmbio cultural, do turismo e os meios de comunicação (BASSETTO, 2013, p. 273). Portanto, a investigação sobre os superstratos não deve se limitar apenas à língua portuguesa, mas deve levar em consideração as demais línguas ibero-românicas

¹⁴¹ “A redução da România Antiga começou, portanto, já no século II d.C. As invasões dos povos germânicos e eslavos, como se viu, causaram a fragmentação primeiramente política e posteriormente linguística da România” (BASSETTO, p. 179).

que compartilhavam o mesmo romance com diferenças dialetais próprias.

Devido à limitação do presente trabalho, pretende-se investigar os superstratos germânicos supostamente visigodos que podem ter ocasionado mudanças de ordens lexical e morfológica na língua portuguesa, levando-se em consideração aspectos intra e extralinguísticos. A escolha justifica-se pelos quase três séculos da presença dos visigodos na Península Ibérica, além do número relevante de empréstimos linguísticos possivelmente originados da língua materna desse povo: a língua gótica.

2. História extralinguística

Com o enfraquecimento do Império Romano no final do século IV, tiveram início as grandes migrações dos povos¹⁴², que duraram em torno de dois séculos. Pode-se dizer que a primeira fase da migração teve como causa a chegada dos hunos às planícies da Rússia Meridional, obrigando a penetração dos godos no Império Romano. Essa penetração seguiu-se da invasão de outros povos que estavam isolados nas fronteiras. Dos diversos povos germânicos que protagonizaram as migrações, mencionamos aqueles que marcaram presença na Península Ibérica a partir do século IV: os vândalos, divididos em asdingos e silingos, os suevos e os visigodos. Devido à limitação do trabalho, daremos destaque aos últimos.

Os visigodos, originários do sul da Escandinávia, constituíam um povo heterogêneo advindo da divisão dos povos chamados godos de acordo com o assentamento geográfico: aqueles instalados na Rússia Meridional eram chamados de ostrogodos e aqueles instalados entre o Danúbio e o Dniester eram chamados de visigodos (GIORDANI, 1970). A origem dos nomes de ambos os povos encontra divergência entre alguns autores, mas, segundo Bassetto (2013), os ostrogodos eram os chamados “godos do leste”, já os visigodos eram os “godos do oeste”.

Após os visigodos terem vencido a grande batalha de Adrianópolis, que durou quatro anos, rebelam-se contra Valêncio e o imperador Teodósio acaba lhes cedendo os territórios ocupados e ganham o título de federados, possibilitando décadas de intercâmbio cultural entre romanos e germânicos.

¹⁴² “Conhecidas pelos historiadores alemães por *Völkerwanderung*, traduzido como ‘migração dos povos’” (GIORDANI, 1970).

O cristianismo pôde, então, difundir-se entre os visigodos em forma de arrianismo. Segundo Musset (*Apud* GIORDANI, 1970),

(...) esse povo constitui o único grupo que atravessou o Império de lado a lado, o primeiro que fundou Estados duráveis e conseguiu uma síntese de elementos germânicos e romanos, o único, enfim, que gozou de uma cultura intelectual autônoma. (MUSSET *apud* GIORDANI, 1970, p. 64)

Sob a liderança de Alarico, os visigodos tornam-se uma ameaça para o Império do Oriente após a morte do imperador. Realizam pilhagem pelos Balcãs (395-401), Itália (401), mas são derrotados duas vezes pelo líder vândalo Estilício. Com a morte do último, em agosto de 408, Alarico se encontra diante dos muros de Roma. Depois de três marchas sobre a capital, Alarico penetra na cidade através da Porta Salaria. Desde o século IV a.C, a cidade não via exército inimigo em suas muralhas; e por três dias os visigodos saqueiam Roma poupando apenas alguns santuários. A queda do grande Império, enfim, ganha grande repercussão.

Após a morte de Alarico, os visigodos chegam à Península em 410, devastando a Espanha. Ataulfo, líder atual, estabelece sua residência em Barcelona. Com o seu assassinato (415) e o de seu sucessor, Vália assume o comando visigótico e volta-se ao Império em busca de alimento para o seu povo e aceita a oferta de combater os vândalos e outros povos não-romanos na Espanha (418). Revelou-se, assim, um leal federado, combatendo alanos e silingos na Bética, além de ter perseguido os asdingos, obrigando-os a se fixarem na região de Vandalusia, ou a “terra dos vândalos”, atual Andaluzia. Esse combate expulsou de vez os vândalos para o norte da África.

Teodorico I (418-451) sucede Vália, perecendo aos hunos ao entrar em combate com Átila. Teodorico II o sucedeu, renovando o status de federado e lutando contra os suevos, que chegaram à Península no ano de 411, início do século V. Assim como o seu antecessor, desejava uma fusão com os romanos, mas deparou-se com uma facção que opunha-se a essa ideia. Por isso, foi assassinado pelo líder dela, Eurico (466-484), que o sucedeu no trono.

Estendendo o reino de Tolosa até a Espanha, Eurico amplia as fronteiras na Gália. Na Espanha, os visigodos ocuparam as últimas províncias romanas, fazendo com que os suevos fossem isolados no noroeste da Península. Ao mesmo tempo em que o Império do Ocidente sucumbia, o rei dos visigodos alçava-se ao posto do mais poderoso soberano da Europa Ocidental (GIORDANI, 1970).

A fixação visigoda na Península, desde então, durou até o ano de 711, com a invasão dos árabes que pôs fim ao reinado germânico. Em todos esses anos de contato entre os visigodos e a população ibérica, o romance peninsular enriqueceu-se de numerosos empréstimos lexicais e alguns morfológicos, que serão tema do próximo capítulo.

3. História intralinguística

3.1. Panorama

A partir do século III, godos, francos, lombardos, alamanos, borguinhões e suevos exerceram influência linguística na România em diferentes níveis. Segundo Bassetto (2013):

Além dos topônimos e antropônimos mais gerais, constam-se cerca de 200 empréstimos léxicos provenientes dos godos (visigodos e ostrogodos), 520 dos francos no galo-romance e 280 dos lombardos no ítalo-romance. (BASSETTO, 2013)

Na Península Ibérica, apesar de os visigodos terem se romanizado bastante durante suas migrações ao longo da România, podem ser percebidos alguns empréstimos de ordem lexical e morfológica nas línguas ibero-românicas. Mesmo que o latim tenha se tornado a língua da cultura literária e de maior prestígio social, Gamillscheg (*Apud MASON, 1979*) define que palavras de caráter afetivo não eram satisfeitas pela língua latina entre os visigodos, havendo preferência pela língua materna:

Ao expressarem-se os visigodos em sua língua adotiva, não poderiam se satisfazer ao substituírem suas expressões saturadas de um alto valor afetivo pelas palavras correspondentes da língua estrangeira. O latim foi sentido como uma língua de conceitos, que poderia bastar para satisfazer suas necessidades intelectuais, mas não afetivas. (GAMILLSCHEG *apud MASON, 1979*) (Tradução nossa)

A língua dos visitantes germânicos, portanto, estava bastante viva entre os seus falantes ao chegarem à Península, apesar de terem a abandonado em favor do latim algum tempo depois. Devido à proibição dos casamentos entre visigodos e a população ibérica, lei revogada apenas pelo rei Recaredo, em 589, ao abraçar o catolicismo, os germânicos tiveram pouco contato com a população nativa, falando uma língua diferente, sujeitos a um

código legal diferente, seguidores de uma religião diferente e apenas os únicos a ocupar posições de comando no exército (MASON, 1979, p. 270). Esse isolamento visigodo da população ibérica manteve a sua língua nativa viva, o gótico, no âmbito familiar e nos relacionamentos entre os semelhantes, vindo a sucumbir apenas por volta do século VIII.

Uma fase de bilinguismo é natural em territórios que sofreram assentamentos de povos estrangeiros. No caso peninsular, escavações arqueológicas apontam que os visigodos não se dispersaram por toda a Península (MASON, 1979, p. 269). Os seus assentamentos foram concentrados na região de Castilla la Vieja (Espanha), demonstrando um desejo de preservação religiosa, cultural e familiar desse povo. Essas concentrações podem ter gerado uma fase de bilinguismo no fim do século VII até início do século VIII, havendo algum uso ainda da língua gótica. Contudo, há registros históricos da dispersão desse povo por praticamente toda a extensão da Península, especialmente na época de perseguição aos demais povos germânicos que ali tentavam assentar-se.

3.2. A língua gótica

Para entendermos a realidade linguística daqueles que contribuíram com alguns dos superstratos germânicos presentes na língua portuguesa e nas demais línguas ibero-românicas, é importante a exposição das características da língua materna falada por eles: o gótico. A intenção aqui, contudo, é um brevíssimo panorama linguístico-histórico dessa língua tão pouco atestada, se compararmos com as suas irmãs da família germânica.¹⁴³ Além disso, supõe-se que tantos os visigodos quanto os ostrogodos falavam a mesma língua gótica, mas com algumas diferenças dialetais comuns as suas tribos.

Até o fim da Idade do Bronze, os povos germânicos constituíram uma unidade étnica e sua língua, devido a fenômenos linguísticos particulares, já havia se separado das demais indo-europeias. Podemos falar de uma unidade linguística germânica, chamada também de protogermânico ou de germânico-comum, que perdurou até o século III da nossa era (BUNSE,

¹⁴³ Para uma análise mais detalhada sobre o gótico e as demais línguas germânicas, consultar: ROBINSON, O. W. *Old english and its closest relatives*, Califórnia: Stanford University Press, 1992; BUNSE (1983).

1983, p. 52). Porém, é incorreto afirmar que essa unidade era homogênea e sem fragmentação dialetal. Após este século, as diferenças linguísticas devem ter sido tão acentuadas a ponto de já podermos mencionar uma fragmentação do protogermânico em unidades linguísticas isoladas.

O protogermânico gerou três ramos linguísticos principais: o *germânico ocidental* (inglês, frisio, alemão, etc.); o *germânico setentrional ou nórdico* (islandês, dinamarquês, norueguês, etc.); e o *germânico oriental* (gótico, vandálico, etc.). De todos os três ramos, apenas um deles não deixou descendentes nas línguas modernas, considerado, portanto, um ramo arcaico: o germânico oriental, no qual consta o gótico.

A língua gótica dos visigodos e ostrogodos é atestada em poucos textos dos séculos III e IV. A nossa mais importante fonte sobre ela são os códices da Bíblia traduzidos para o gótico pelo bispo visigodo Ulfilas, na fase da cristianização dos visigodos. Pouco se sabe sobre ele, além de ter se tornado bispo por volta do ano 341 com a missão de converter seus compatriotas. Além da Bíblia de Ulfilas, temos poucos comentários bíblicos, fragmentos do calendário da igreja gótica, títulos latinos e inscrições rúnicas como fontes linguísticas. Sobre as dificuldades da atestação do gótico, Bunse (1983) conclui:

(...) podemos dizer que o gótico, como nós o conhecemos, é a língua de um só homem e de um só texto: nós não conhecemos o gótico. Nós conhecemos apenas a língua da *Bíblia* de Ulfilas. Mas essa língua é, por isso, não menos preciosa, pois excetuadas as primeiras inscrições germânicas, o gótico é a forma mais antiga e mais arcaica das línguas germânicas que nós conhecemos. (BUNSE, 1983, p. 54)

O alfabeto rúnico aparentemente era o único sistema de escrita que os godos conheciam, composto de 24 caracteres. Com a tradução da Bíblia, Ulfilas teve de substituí-lo por um alfabeto composto de 27 símbolos, dos quais 25 são letras. Essa substituição deveu-se, segundo Bunse (1983), ao fato de a escrita gótica original ter uma conotação pagã e era empregada em fórmulas mágicas nos rituais religiosos dos germânicos. Assim como no anglo-saxão e no nórdico antigo, o gótico conhecia a fricativa dental surda transcrita como *þ* (atualmente *th* em “thanks” do inglês) e a labial velar fricativa transcrita como *hv* (próxima ao fonema /x/ do alemão: nacht).

O gótico apresenta um sistema de cinco casos, além de conhecer os gêneros gramaticais neutro, feminino e masculino. Os pronomes (pessoal e demonstrativo) e os artigos definidos acompanham a flexão do nome a que se referem. O sistema verbal restringe-se a dois tempos: pretérito e presen-

te, não conhecendo ainda tempos compostos. O verbo apresenta a divisão entre forte e fraco, distribuído em classes diferentes. Abaixo, um trecho de um dos versículos da Bíblia gótica retirado de Bennet (1980):

(1) In dagam Herōdis þiudanis qēmun Jōsēf jah Maria in Bēþlahaim. (2) jah jāinar gabar Maria lēsu. (3) jah hairdjōs wēsun jāinar ana akra. (4) jah sái aggilus qam himina. (5) jah qap sa aggilus du þáim hairdjam ana þamma akra: (6) hairdjōs sái gabaúrans ist himma daga Xristus in Bēþlahaim; (7) sái sa ist þiudans himinis jah þiudans þiudanē. (BANNET, 1980)

((1) Nos tempos¹⁴⁴ do Rei Herodes, vieram José e Maria a Belém. (2) e lá nasceu Jesus. (3) e os pastores estavam lá no campo. (4) e o anjo veio dos céus. (5) e disse o anjo aos pastores no campo: (6) “pastores, nasceu neste dia Cristo em Belém; (7) é o rei dos céus e rei dos reis.)

Percebe-se no texto gótico palavras cognatas em outras línguas germânicas como o dativo plural do substantivo masculino de *dags* (inglês: day; alemão: Tag); no verbo forte no pretérito plural *qiman* (inglês: come; alemão: kommen) e no verbo pretérito *wēsun* (inglês: were; alemão: wurden).

Em consequência da pouca documentação relacionada aos godos, nada se conhece sobre a produção literária que o povo pode ter vindo a ter um dia. Sabe-se, contudo, que a língua parecia não ter muitas palavras relacionadas ao pensamento abstrato. Para a tradução da Bíblia, Ulfilas teve de adaptar estrangeirismos gregos do léxico judeu-cristão para a sua língua materna, como *aggilus* (anjo), *spaiculatur* (guarda), *apaustaulus* (apóstolo) etc. Além disso, percebe-se o uso de decalques sobre modelos gregos ou latinos como *armahairts* (misericordioso), junção de *miser* (arma) com *hairto* (cor). Recorreu também ao processo de composição, como em *nahtamats* (ceia), junção de *nahts* (noite) com *mats* (comida). Serviu-se também de prefixação, cujos temas eram, geralmente, verbais, como em *andawaurdjan* (responder), junção da preposição *and* (indicação de oposição) com *waurdjan* (verbalizar).

Concluindo, podemos mencionar também o caráter conservador da língua gótica em relação às demais línguas germânicas, cujo sistema gramatical transparece o do protogermânico. Esse caráter conservador a diferencia das demais línguas germânicas antigas do ramo ocidental, como o lom-

¹⁴⁴ *dagamé* o substantivo masculino em -o que, literalmente, quer dizer “dia”. Preferimos pela tradução “tempos” devido ao contexto.

bardo, por não ter participado da *segunda mutação consonantal do alto alemão*. Esse fato é relevante, uma vez que, no italiano, por exemplo, consegue-se separar os germanismos lombardos dos góticos apenas pelo critério da mutação consonantal como a mudança /p/>/f/: o italiano *tuffare* (mergulhar) <lomb. **taufan* (cf. antigo alto alemão *taufan*; *tofan*) em relação ao gótico *daupjan* (LÜDKE, 1974).

3.3. Superstratos góticos

3.3.1. Considerações etimológicas

No trabalho lexicográfico, especialmente o etimológico, há de se ter especial atenção à apresentação do étimo. Como Viaro (2011) atenta, “confundem-se, com frequência, étimo e derivação morfológica” (p. 99). O *étimo* de uma palavra sofreu mudanças de ordem fonológica e semântica em uma sincronia pretérita qualquer. Já a *derivação* trata de palavras distintas, com mudanças mórficas. Outro problema que o autor aponta é a distinção entre *étimo* e *origem*, ao definir o conceito de *terminus a quo*, a datação da ocorrência mais antiga de uma palavra. O autor ilustra como exemplo a palavra *açúcar*, cujo étimo é árabe, mas a origem é indiana. A depender da datação do limite mais antigo da forma investigada, haverá preferência por uma forma ou outra.

No caso dos superstratos germânico-ocidentais das línguas ibero-românicas, muitos deles parecem ser de *origem* germânica, mas de *étimo* francês ou italiano. No caso específico dos empréstimos vindos dos godos, pode-se dizer que boa parte deles é original e etimologicamente ostro e/ou visigótica.

3.3.2. Problemas

Quando falamos de superstratos de origem gótica na língua portuguesa, encontramos alguns problemas: (1) falta de atestação documentada das palavras góticas, ou seja, boa parte do vocabulário é linguisticamente reconstruída e não encontra respaldo nas poucas fontes disponíveis em língua gótica; (2) numerosos elementos germânicos chegaram na Península Ibérica muito antes do século V, período anterior à divisão dialetal das lín-

guas germânicas a partir do protogermânico. Ou seja, germanismos mais antigos impossibilitam a determinação de qual língua germânica, de fato, vieram; (3) alguns empréstimos de origem supostamente gótica podem ser facilmente confundidos com elementos germânicos de origem frânica ou lombarda, uma vez que ambas as línguas contribuíram consideravelmente no léxico das línguas ibero-românicas e foram introjetadas no latim vulgar.

3.3.3. Método

Para a separação dos superstratos supostamente góticos dos demais germanismos, adotaremos os seguintes critérios: (1) germanismos comuns no espanhol e no italiano, mas não no francês, podem ser de origem gótica, devido à ocupação dos ostrogodos e visigodos em ambas as regiões. Ambos os povos compartilhavam do mesmo idioma, com diferenças mínimas (MASON, 1979); (2) germanismos exclusivos dos idiomas ibero-românicos são seguramente de origem visigoda (NETO, 1979); (3) levando-se em consideração que as camadas menos abastadas da população visigótica retiveram mais tempo a sua língua materna que as camadas mais altas, que preferiram adotar a língua de prestígio, o latim, presume-se que o vocabulário germânico que chegou aos romances ibéricos tenha sido de palavras relacionadas à atividade bélica, vida pastoral e doméstica. Termos de prestígio não parecem ter ganhado espaço, uma vez que o gótico não ocupava a mesma posição privilegiada que o latim; (4) elementos antroponímicos de origem germânica são numerosos e parecem ser de origem seguramente visigótica (PIEL, 1942); (5) germanismos anteriores à chegada dos visigodos à Península, mas presentes no latim vulgar, serão desconsiderados uma vez que tais termos parecem impossibilitar a determinação de qual dialeto germânico podem ter vindo (cf. 3.3.2).

3.3.4. Empréstimos

Seguindo os critérios acima, separamos o léxico gótico presente na língua portuguesa por campos semânticos. É importante, contudo, salientar que um ou mais termos podem não constar na listagem ou propositalmente podem não ter sido incluídos, apesar de estarem presentes em outras obras, por não terem atendido aos critérios selecionados acima. Além disso, como o número de elementos antroponímicos de origem goda é bastante numeroso, preferimos por não nos esgotar nesse item, uma vez que ultrapassaria os

limites propostos pelo presente trabalho, e também por Piel (1942) já ter realizado um estudo mais criterioso e mais extenso sobre o assunto.

Atividades militares: espia (<*spaiha); espora (<*spaura); guarda (<wardja); guarir (<*warjan)¹⁴⁵

Vestuário: luva (<*lofa); roupa (<*raupa); fato¹⁴⁶ (<*fat).

Animais: ganso (<*gansus);

Construção: estaca (<*staka).

Vida doméstica: roca (<*rukka); estaleiro (<*stalla); espeto (<*spittus); tampa (<*tappa); agasalhar (<*gasalja)¹⁴⁷; aia (<*hagja); taco (<*taikns).

Termos afetivos: enguiçar (<*inweitjan)¹⁴⁸; aleive (<*lêwjan); ufo; ufanar-se (<*ufjo); gana (<*gaainon); rico (<reiks); íngreme (<*ingrimjis).

Antroponímia: Rodrigo/Rodrigues (<hroths “reputação” + reiks “poderoso”); Fernando (<frithu “paz” + nanth “ousadia”); Argimiro (<harjis “exército” + meris “famoso”); Elvira (<gails “alegre” + wers “fiel”); Afonso (<all “todo” + funs “preparado”); Ataulfo (<ada “claro” + wulfs “lobo”) etc.

Morfologia: O único sufixo derivacional herdado do gótico parece ter sido o *-engo* (<-ing). Assim como nas demais línguas ibero-românicas (esp. *-engo*; aragonês *-enco*; catalão *-enc*), não é muito produtivo comparado a outros sufixos.

4. Considerações finais

Diante da natureza bastante complexa do assunto abordado, tentou-

¹⁴⁵ Forma obsoleta para “proteger” que gerou o substantivo “guarita”.

¹⁴⁶ Indumentária; vestimenta.

¹⁴⁷ Segundo Neto (1979), designava “comunidade de uma casa”, expressão antiga que indicava “casar-se”.

¹⁴⁸ Segundo Piel (1942), indicava “mau olhado”.

se, no presente trabalho, discutir brevemente os superstratos germânicos de origem supostamente gótica, sem ignorar a realidade social e linguística dos falantes que habitaram por quase três séculos a Península Ibérica: os visigodos. Devido às limitações do artigo, nem tudo foi exposto da maneira que mereceria ter sido, mas tentou-se evitar, em relação aos empréstimos, algumas generalizações tão correntes em manuais de filologia quando abordam a questão dos germanismos. No mais, entendemos que o assunto merece um estudo mais aprofundado e esperamos que essa exposição sirva como incentivo para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BASSETTO, B. *Elementos de filologia românica*. v. 1. São Paulo: Edusp, 2013.
- BENNETT, W. H. *An introduction to gothic language*. Nova Iorque: The Modern Language Association of America, 1980.
- BUNSE, H. A. W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983.
- GIORDANI, M. C. *História dos reinos bárbaros*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- GUERRAS, M. S. *Os povos bárbaros*. São Paulo: Ática, 1987.
- LÜDKE, Helmut. *História del léxico románico*. Madrid: Editorial Gredos, 1974.
- MASON, P. Social implications of borrowing: the visigothic element in hispano-romance. In: *Revista WORD*, vol. 30, n. 3, 1979.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: uma aproximação*.v.1 léxico e morfologia, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.
- NETO, S. da. S. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- PIEL, J. M. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1942.
- RUCQUOI, A. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.